DE 2/37.01

Jornal do Commercio - Recife - Pe
Supl - Social
6/09/1964

Considerações Sôbre Deus E O Diabo Na Terra Do Sol

FERNANDO MENEZES

Glauber Rocha com o seu "Deus e o Diana Terra do Sol" não pretende mais do que contar uma estória, muito longe de um acontecimento real, quanto aos detalhes (talvez demasiado exagerado) mas, bastante perto de uma certa fase da história do sertão, no seu todo violento e místico.

E' certo o que alguns afirmam ao criticar Glauber Rocha. Trata-se de um jovem e erudito cineasta, do nosso "Cinema Nôvo", do chamado ciclo baiano, se é que nos permitem dividir nosso cinema nôvo, em ciclos ou escolas. E' certo ainda que sendo um erudito em cinema, tenha êle bebido muito dos clássicos e em certas sequências do seu filme, o espectador esteja a cada passo, revendo artezanatos não apenas de Eisenstein ou Welles, mas até mesmo de Kurosawa.

O que não se pode negar a "Deus e o Diabo na Terra do Sol" é a constância da seriedade. Tratava-se de um espetáculo rigorosamente sério. Há mesmo, na propositada narrativa de rítmo lento, a intenção de marcar decisivamente uma tese: naquele grupo humano, naquele determinado momento, sob aquelas condições, o homem "só tinha serventia quando pegava das armas para cumprir seu destino". Lampião ou seu cabra Corisco, ganhavam condições de semi-deuses, de predestinados, de vingadores ou justiceiros inspirados por fôrça divina. Ou se recorria ao misticismo do beato ou se pegava das armas para vingar os anos de desgraça, a que somente alguns poucos não estavam sujeitos e mais, aumentavam a desgraça.

Não há como negar o espírito místico que envolveu o Cangaço nem a predisposição do nosso homem do sertão para o misticismo. A importância diante do meio hostil, diante da irremediável miséria econômica e social, levou mais de uma vez, o sertanejo, para o mais arraigado e violento misticismo: Antônio Conselheiro e Padre Cicero são exemplos marcantes.

Os detalhes ou as figuras que tenham caído um pouco em exagêro foram permitidos por uma narrativa popular, do romance do sertão.

A figura de Antônio das Mortes, vindo não se sabe bem de que época, é certo que não existe no plano real. Mas é igualmente correto que nem sempre com as volantes de "Macacos", os fazendeiros do sertão estavam protegidos. Muitos recorriam aos capangas destemidos, que mantinham à soldo, para enfrentar os cangaceiros. E' uma figura de meia verdade mas de inegável fôrça dentro da narrativa. Uma figura impressionante, marcando a narrativa do violeiro, aproveitada em tôda a sua plenitude, em closes e planos de grande beleza plástica. O sertanejo Manuel e sua mulher Rosa são figuras autênticas. O beato, é mais uma fusão de figuras místicas e lendárias que realmente existiram.

Muitos se queixam do diálogo. Somos de opinião que um dos pontos altos de "Deus e o Diabo na Terra do Sol" é a dialogação lenta, quase nula algumas vêzes, cansativa como a peregrinação dos beatos. Todavia, em sua linguagem, é diálogo puro e autêntico. Não há nem "humildade criadora" nem construções ou quaisquer outros artifícios. E' meramente fala. Linguagem do povo, "folheto" de feira, coisa do sertão.

A mLsica é o instrumento básico da narrativa. O violão marca, embala, é lamento, é prenúncio de desgraça, é um extraordinário "contador de estórias". A câmera, falha algumas vêzes mas exuberante e mesmo erudita (a cena da posse de Rosa, em meio a caatinga, mas parece a cena da floresta em Rashomon, de Kurosawa) é responsável por sequências de extraordinária beleza. E' certo que tem muito dos clássicos; quanto à composição, o filme de Glauber Rocha. Os cortes rápidos e estudadamente violentos, exprimem a angústia algumas vêzes, as variadas atitudes do desespêro e sobretudo a própria violência, como na sequência da morte dos beatos de Sebastião. Pode ser que tenha muito de Eisenstein. Mas, de qualquer forma, Glauber fêz cinema sério, e se imitou alguém, imitou os clássicos. Ainda bem.

Jornal do Commercio, Recife-PE, suplemento Social, 06/09.1964

GR-DE. 02/037.01